

Aconselhamento Psicológico numa Perspectiva Fenomenológica Existencial  
Henriette Tognelli Penha Morato  
Guanabara Koogan

**Cap. 3 “A ação clínica e a perspectiva fenomenológica existencial”**

Alguns pontos de reflexão:

- Não podemos confundir a perspectiva fenomenológica existencial, com a Psicologia Humanista e nem com a Gestalterapia. ( nem confundir a ciências naturais com as ciências humanas). Aprofundaremos-nos na perspectiva fenomenológica-existencial;

“A compreensão da condição humana proveniente do modo de pensar heideggeriano levanta questionamentos sobre o mostrar-se do ser-homem e o acesso que este exige a partir de sua singularidade, denunciando a insuficiência do conhecimento científico-natural para compreender o ser-homem específico. O ser exige uma identificação própria, o que não significa abandonar a ciência, mas chegar a uma ação refletida, conhecedora com a ciência e verdadeiramente meditar sobre seus limites”.

- O ser do homem através da analítica da existência

“Ao considerar o desamparo e a angústia como estruturas ontológicas do modo de ser do homem (Dasein), compreende que o ser humano está lançado em um mundo inóspito na condição de exilado, acossado para dar conta do seu acontecer humano. Tais estruturas consideradas por Heidegger existenciais, não podem ser explicadas por mecanismos psicológicos, já que, como estruturas ontológicas fundamentais do homem, são as condições de possibilidade do acontecer dos fenômenos psicológicos”.

- As principais contribuições para a consolidação da perspectiva fenomenológica existencial:

KARL JASPERS (Alemanha, 1883-1969)

Sua contribuição foi bastante significativa para a constituição da matriz fenomenológica existencial do pensamento psicológico, sobretudo por enfatizar a busca de fundamento psicológico, sobretudo por enfatizar a busca de fundamentos filosóficos considerados mais pertinentes à compreensão do acontecer humano em lugar dos fundamentos oferecidos pelas ciências naturais. Jaspers considerou sua proposta uma psicologia compreensiva já que, além das descrições fenomenológicas da vivência dos pacientes, também buscava o que denominava conexões do psiquismo.

LUDWING BINSWANGER (Suíça, 1881-1966)

Para ele, a ação clínica objetivava proporcionar ao próprio sujeito compreensão do seu modo de ser-no-mundo, abrindo-lhe possibilidades para novas formas de existir, e devolver-lhe a capacidade de dispor das possibilidades próprias e mais autênticas. Assim, o objetivo da perspectiva analítica existencial não era a cura nem fazer uma adaptação tranqüila, mas propiciar ao cliente a autocompreensão e, por ela, uma atitude de responsabilidade e preocupação para com a própria existência.

MEDARD BOSS (Suiça 1903 – 1990)

Boss desenvolveu reflexões em torno da angústia e da culpa, por considerá-las os fenômenos humanos mais significativos e dominantes na vida dos seres humanos, em razão de sua significância no processo de adoecimento e no terapêutico. Ao contrário de entendê-los como “defeitos” do aparelho psíquico, Boss os consideravam como ontológicos à existência humana. Sendo assim, a angústia e a culpa precisariam ser compreendidas a partir de seus significados. Cada dasein se angústia e se culpa por alguma razão.

## A PSICOLOGIA E AS PSICOTERAPIAS DENOMINADAS DASEINSANALYSE

*“Boss propôs uma prática psicoterápica que buscava levar o cliente a participar da compreensão da sua condição humana básica numa relação em que o terapeuta, por uma ação de cuidado preocupada, compreendesse a essência singular de cada cliente. Denominou essa dimensão da relação terapêutica “eros psicológico”.*

*“Para isso, a prática psicoterápica diria respeito ao fato de ela mesma ser livre e de permitir aos homens tornarem-se livres dentro dela. Como psicoterapeutas queremos, no fundo, libertar todos os nossos pacientes para si mesmos... com a libertação psicoterápica, queremos levar nossos pacientes apenas a aceitar suas possibilidades de vida como próprias e dispor delas livremente e com responsabilidades. Isso quer dizer também que nós queremos que eles criem coragem de levar a termo suas possibilidades de relacionamento com humanos e sociais de acordo com a sua consciência intrínseca e não como pseudoconsciência imposta por qualquer um”*

*“Cada ser humano é único e singular: exige do profissional de psicologia abertura ao inusitado, a reinvenção da sua forma de trabalhar... esse novo olhar, ao desalojar o homem da sua habitual relação com o mundo e a consciência, abre um espaço que só aparece quando o habitual é desconstruído e o homem (dasein) se descobre entregue à tarefa inexorável de ter-que-ser. Essa quebra do habitual pode vir a acontecer quando o homem começa a ceder ao apelo dos traços fundantes e constitutivos (ontológicos) do nosso modo de ser. O apelo aparece nas brechas da nossa existência superficial via acontecimentos que, ao provocar ruptura e transição, destroçam e fundam mundos. Tal rompimento possibilita mudança e transformação ao abrir a crise que aniquila e lave o aí a constituir-se outro”.*

*“Acompanhar o cliente nessa passagem significa assumir a tarefa de tornar explícita, para o cliente, a posse do sentido de sua dor e de suas possibilidades negadas. Nessa compreensão, não há nenhum direcionamento, mas a quebra das habitualidades que abre fissuras que são o fôlego de possíveis mudanças, transformando o acontecer clínico em experiência e em ação, constituída por aceitar simplesmente aquilo que se mostra no fenômeno do tornar presente e nada mais (Heidegger)”*

*“Apesar de tal atitude, resgatar o simples requer a silenciosa vigília em que ele se manifesta. Essa vigília pode retirar o homem da submissão ao universo-já-dado, que assumindo como natural e único possível onde tudo é explicado e tem um fim já estabelecido, oferece ao homem a garantia de manipulação e controle, defendendo-o de não se confrontar com o espaço vazio onde precisa se inventar, arriscar, comprometer e construir. Condição que desvela a irremediável contingência da existência humana e a inevitável ambivalência de todas as opções, identidades e projetos de vida; contingência e ambivalência que desvelam o provisório da condição humana, a qual a mentalidade moderna buscou suprimir, gerando uma verdadeira intolerância a tudo que não pode ser definido, classificado, ordenado. Em tal condição, o existir, convertido em objeto, desenraizasse de si mesmo, na medida em que, sob o signo da eficiência e da consumação de ser, o homem se desencarrega, se desempenha do existir”. (Critelli)*

*“A ação clínica, transitando entre o ôntico e o ontológico, teria como tarefa intervir nessa tragédia e dar oportunidade ao poder-ser por meio do apropriar-se da propriedade e da impropriedade, próprias da condição humana, na busca de existir com serenidade, numa constante abertura ao mistério. De acordo com Heidegger a serenidade em relação às coisas e a abertura ao segredo são inseparáveis. Concede-nos a possibilidade de estarmos no mundo de um modo completamente diferente”.*